

*Fabiana Prieto Gonçalves da Silva**

A ADAPTAÇÃO DE CHARADAS NA TRADUÇÃO BRASILEIRA DA SÉRIE INFANTOJUVENIL DELTORA QUEST

Resumo

Este artigo analisa a adaptação de charadas na tradução brasileira da série infantojuvenil Deltora Quest 1 (2000-2002), de Emily Rodda, à luz dos Estudos da Tradução, com destaque para a Teoria dos Polissistemas (Even-Zohar, 2005), a noção de invisibilidade do tradutor (Venuti, 1995, 2008) e o conceito de transcrição. O corpus é composto pelos oito volumes da primeira série, traduzidos para o português brasileiro, nos quais as charadas desempenham um papel central na progressão narrativa. A análise evidencia os desafios impostos pela combinação de recursos verbais, poéticos e não verbais, exigindo do tradutor decisões criativas que priorizam a manutenção do efeito enigmático sobre a forma original. Conclui-se que a tradução de Literatura Infantojuvenil (LIJ) demanda elevada competência linguística e cultural, bem como estratégias tradutórias sensíveis ao público-alvo.

Palavras-chave

Literatura infantojuvenil. Tradução literária. Charadas. Invisibilidade do tradutor.

Introdução

Quando praticamos ou estudamos sobre a tradução de obras estrangeiras, aprendemos o quão desafiador pode ser o processo tradutório. Consequentemente, após ter contato com esta área, ao nos depararmos ou revisitarmos um livro estrangeiro que foi traduzido, nos questionamos como foi o processo de tradução daquela obra. Quais foram os desafios enfrentados pelo tradutor?

*Mestranda do PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Língua), pela PUC-Rio. Pela Uerj, se formou como especialista em Tradução em Língua Inglesa, e se graduou no bacharelado e na licenciatura do curso de Letras - Inglês e suas Literaturas.

Recebido em: 30/08/2025

Aceito em: 28/10/2025

**Revista Escrita.
Rio de Janeiro,
n. 31, 2026.
ISSN: 1679-6888**

Quais foram as decisões tradutórias tomadas? O que foi necessário adaptar, localizar ou transcriar? O quanto o tradutor é reconhecido por seu trabalho? Responder tais perguntas, no entanto, não é uma tarefa simples, pois há muitos fatores envolvidos no processo tradutório: a escolha do texto-fonte, o gênero textual, as normas e padrões impostos pelo cliente que encomendou o trabalho, a experiência do tradutor, o público-alvo, críticos e muito mais. Tomando como exemplo textos pertencentes aos gêneros literários de fantasia e ficção científica, grande parte dessa literatura é composta de distopias e fantasias para jovens adultos ou séries de livros infanto-juvenis – dentre eles muitos *best sellers* internacionais que foram traduzidos para o português brasileiro.

Com base na Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (2005), é possível afirmar que a Literatura Infantojuvenil (a qual chamaremos neste artigo de LIJ), quando traduzida, é um dos subsistemas da Literatura Traduzida – e um subsistema literário em que há um reconhecimento ainda menor do tradutor. Nela, o tradutor é obrigado a ser o mais invisível possível, embora seu trabalho tenha que lidar com muitas especificidades a depender da obra a ser traduzida – dentre elas a faixa etária do público-alvo, o papel dos recursos não-verbais, a presença de recursos poéticos, e afins. Esses elementos podem tanto auxiliar quanto apresentar maiores obstáculos ao trabalho do tradutor. Pensando nisso, escolhi como objeto de estudo a série infanto-juvenil *Deltora Quest*, de Emily Rodda, pois são livros de fantasia repletos dessas características desafiadoras: elementos não-verbais (ilustrações) e charadas (com rimas ou não), incorporados juntos ou separadamente na narrativa.

A série literária: *Deltora Quest*

A australiana Jennifer June Rowe (nascida em Sydney, em 2 de abril de 1948) é autora de diversas obras literárias, das quais utiliza o pseudônimo Emily Rodda em suas publicações infanto-juvenis. Um de seus trabalhos mais conhecidos é a saga *Deltora Quest*, que é composta de quinze livros divididos em três séries: *Deltora Quest* (2000-2002), *Deltora Quest 2* (2002) e *Deltora Quest 3* (2004-2005). Como *corpus* da minha análise, escolhi focar apenas os oito livros que compõem a primeira série (*Deltora Quest 1*), traduzidos por Edite Siegert Sciulli para o português brasileiro: 1.1 - *As florestas do silêncio* (*The Forests of Silence*); 1.2 - *O lago das lágrimas* (*The Lake of Tears*); 1.3 - *A cidade dos ratos* (*City of the Rats*); 1.4 - *As dunas* (*The Shifting Sands*); 1.5 - *A montanha do medo* (*Dread Mountain*); 1.6 - *O labirinto da besta* (*The Maze of the Beast*); 1.7 - *O vale dos perdidos* (*The Valley of the Lost*); e 1.8 - *Retorno a Del* (*Return to Del*).

Esses oito livros narram como um grupo de aventureiros (Lief, Barda e Jasmine) parte em busca de sete pedras preciosas mágicas

para consertar um artefato real em forma de cinturão e, assim, livrar o reino de Deltora da invasão do temível Senhor das Sombras. Ao ler essas histórias pela primeira vez na adolescência, a trama me prendeu conforme cada livro mostrava o grupo enfrentando os perigos que protegem as pedras – ora encarando monstros, ora desvendando charadas (o que eu tentava fazer junto com os protagonistas enquanto eu lia). Foi essa característica da obra que chamou minha atenção como acadêmica ao revisitar sua história muitos anos depois.

Nesse ponto, surgiram as questões: como é possível traduzir textos que escondem significados ocultos por trás de suas palavras? Ou como fazer isso de uma forma que, ao traduzir, o leitor-alvo seja capaz de descobrir as respostas assim como o leitor do texto-fonte? Quais foram as estratégias e escolhas realizadas durante a tradução das charadas de *Deltora Quest*? Para responder a estas perguntas, no entanto, é necessário primeiro aprofundarmos a discussão acerca do processo de tradução de LIJ.

A tradução de Literatura Infantojuvenil

Segundo a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (2005), um sistema jamais deve ser estudado de forma isolada, pois está sempre interligado a outros sistemas, seja influenciando, seja sendo influenciado. Se partirmos de um ponto de vista matemático, podemos dizer que cada sistema representa um conjunto que pode englobar, pertencer ou se interseccionar a outros conjuntos. Se pensarmos, então, na tradução de LIJ como um conjunto (ou subsistema), podemos representá-la na teoria dos polissistemas de forma simplificada na Figura 1. Como um subsistema tanto dentro do sistema da tradução quanto no da literatura, a tradução de LIJ possui características em comum com outros tipos de literatura (como o romance, a poesia, por exemplo) e de tradução (tradução técnica, por exemplo), ao mesmo tempo que tem suas próprias características.

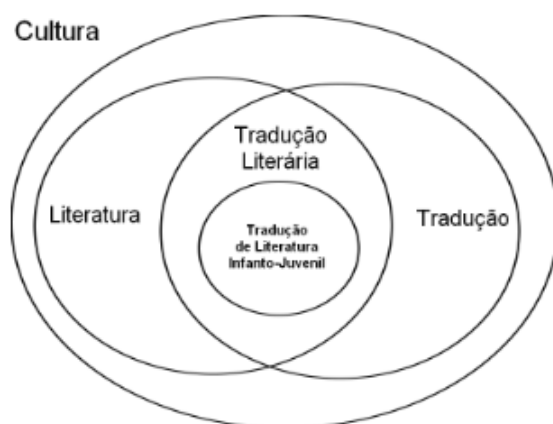


FIGURA 1 – Diagrama simplificado dos polissistemas em torno da Tradução de LIJ (elaboração própria, 2025).

Apesar da natureza aparentemente simples, a literatura infantojuvenil pode se provar extremamente desafiadora para o tradutor. Vermeer (2000) explica que isso não se deve somente às diferenças entre línguas e culturas-fonte e alvo, mas ao fato de que, na maioria das vezes, o texto-fonte é elaborado para ser consumido apenas por leitores capazes de ler na língua-fonte. Por isso, cabe ao tradutor adaptar o texto para que seja orientado à língua e cultura-alvo, ainda que haja divergências entre o texto de partida e o texto de chegada. No caso da LIJ, Queiroga e Fernandes (2015) comentam em seu artigo quais cuidados o tradutor deve tomar durante esse processo de adaptação:

A tradução de LIJ é reconhecida por Jobe (1996, p. 513) como uma das tarefas mais trabalhosas e complicadas para um tradutor. Ele afirma que traduzir para crianças e jovens é um desafio complexo, no qual o tradutor se depara com dilemas como: produzir uma tradução literal ou livre? Palavra por palavra ou sentido por sentido, assim preservando a fluidez do texto? Ao optar tanto por uma quanto por outra escolha, os tradutores assumem riscos inerentes às decisões que tomam: a proximidade excessiva do texto-fonte (literalidade) pode resultar em uma falta de vitalidade ou tornar o texto-alvo difícil de ser lido (perda de legibilidade); uma versão adaptada, por outro lado, pode remover do texto elementos considerados inseparáveis e frutos da intenção do autor. Adicionalmente, a adaptação pode levar a uma simplificação exagerada da narrativa, ao ponto de tornar o texto traduzido algo difícil de se ler. (Queiroga; Fernandes, 2015, p. 69, tradução minha)¹

A LIJ, por natureza, tem a característica de ser educativa e, ao mesmo tempo, lúdica. Seus textos são voltados para um público jovem, geralmente contêm um vocabulário mais simples do que textos voltados ao leitor adulto, além de terem mais paratextos não-textuais (imagens, por exemplo) que interagem diretamente com o texto. Isso deve ser refletido na tradução; o vocabulário deve ser mantido no mesmo nível gramatical, e os paratextos visuais devem ser adaptados em conjunto com o texto traduzido para que se mantenha o sentido na cultura-alvo. Podemos dizer que esse processo de adaptação é um exemplo do que Lefevere (1992) chama de reescrita. Como a maior parte do público-alvo é incapaz de ler o texto-fonte por ser em uma língua estrangeira, o texto-alvo deve ser reescrito de forma que soe natural na língua e cultura de chegada – ou seja, que pareça ter sido escrito nela, e não traduzido.

Para que se crie esse efeito “natural”, é comum que os textos infantojuvenis traduzidos sejam transcritos para que façam sentido ao público-alvo. Há várias razões que podem justificar que algum trecho (ou mesmo todo ele) seja transcrito – seja devido a

¹ No original: “*The translation of CL is recognized by Jobe (1996, p. 513) as one of most demanding and complicated tasks for translators. He states that translating for children and young people is a complex challenge, in which the translator is faced with dilemmas such as produce a literal or free translation? Word for word or sense for sense, thus preserving the fluidity of the text? By choosing either one or the other translators take risks inherent to the choices they make: the excessive proximity to the source text (literalness) may result in a lack of vitality or make it difficult to read (lack of readability), an adapted version, on the other hand, can remove from the text elements judged as inseparable and fruit of the author’s intention. Additionally, adaptation can lead to an oversimplification of the narrative to the point that may make translated text difficult to read.*”

restrições formais e/ou semânticas, ou mesmo diante da necessidade de adaptar um texto para a língua e a cultura do público-alvo. Baseado nos trabalhos de teóricos de três campos distintos (Teoria da Tradução, Teoria da Informação e Teoria da Tradução), Gessner (2016) afirma que não há uma definição exata do que seria a transcrição, mas se propõe a apresentá-la da seguinte forma:

[S]eu interesse reside na arte de invenção e, assim, sua concepção de tradução também é de invenção: o principal intuito é recriar na língua de chegada efeitos de sentido, se não iguais, pelo menos similares ou análogos aos que se constituem na língua de partida. Para conseguir atingir essa meta, vale explorar todos os aspectos que envolvem o texto: desde seu aspecto fônico, ao semântico e gráfico. (Gessner, 2016, p. 161)

Ou seja, se o objetivo da LIJ é que o jovem leitor aprecie a leitura sem nenhuma estranheza advinda de algum estrangeirismo, a transcrição é uma ferramenta valiosa para os tradutores que desejem domesticar o texto de chegada, ainda que isso impacte em sua invisibilidade como profissional.

Em suas teorias sobre domesticação, estrangeirização e invisibilidade do tradutor, Venuti (2008) explica que, independentemente da natureza do texto em questão, os textos domesticados são mais aceitos pelo público por proporcionarem uma leitura mais fluida, esta também mais buscada pelos profissionais do mercado editorial por ser mais rentável. E, quanto mais invisível for o tradutor, menor o seu reconhecimento pelo público e, assim, menor o valor disposto a ser pago por seu trabalho. São poucos aqueles que conseguem se destacar e serem reconhecidos fora do mercado editorial. Um grande exemplo – e exceção – é a falecida Lia Wyler, com sua celebrada tradução da série *Harry Potter* do inglês britânico para o português brasileiro.

Essa invisibilização é extremamente contraditória se considerarmos com quantos elementos os tradutores de LIJ devem lidar (Queiroga; Fernandes, 2015, p. 70). Além do texto em si, é comum a presença tanto de elementos poéticos quanto não-verbais nesse tipo de literatura. Basta observar em uma livraria quantos livros infantis são ilustrados, ou quantos são compostos de textos escritos em versos. Já na literatura voltada para adolescentes, esse caráter poético não é tão presente, mas os elementos não-verbais parecem ganhar cada vez mais destaque após o surgimento do audiovisual.

Por essa razão, Azenha Junior (2015) comenta que é preciso incluir a importância dos elementos não-verbais na tradução de produções infantojuvenis. Na LIJ, ilustrações e outros recursos gráficos estão intrinsecamente ligados ao texto e, devido a isso, devem ser

considerados durante o processo de tradução. Em Deltora Quest 1, as ilustrações são particularmente importantes, pois agem como recursos narrativos da história, muitas vezes servindo como parte fundamental na construção de charadas.

Mas qual é o conceito de charada? Segundo a versão online do dicionário Michaelis (2025), a definição de charada que mais se adequa a esse contexto literário específico é: “Enigma cuja solução é uma palavra de duas ou mais sílabas desmembrada em partes separadamente significativas que, bem como a palavra inteira, devem ser descobertas com base em uma descrição, representação pictórica ou teatral”. Portanto, para se traduzir charadas de um idioma para outro, é necessário mais que um profundo conhecimento linguístico, como apontam Ilhomovna, Qahramon e Rashidjon (2024):

A tradução de charadas dispõe de desafios e oportunidades únicas para tradutores, requerendo que eles naveguem pelas complexidades da criação linguística, nuances culturais e brincadeiras cognitivas inerentes em jogos linguísticos enigmáticos. [...] Os tradutores lutam com o desafio de preservar trocadilhos, rimas, aliterações e outras ferramentas linguísticas criativas que adicionem camadas de significado e intriga às charadas. (Ilhomovna; Qahramon; Rashidjon, 2024, p. 169-170, tradução minha)²

Em adição, quando as charadas são compostas de versos e rimas, sua tradução se assemelha bastante ao processo de tradução de poesia. Nesse tipo de tradução, é impossível reproduzir perfeitamente o texto-fonte na língua-alvo devido às divergências linguísticas (isso sem ainda citar as diferenças culturais), além das questões de ritmo, rima e métrica. Sempre haverá perdas durante o processo tradutório; logo, segundo Britto (2006), cabe ao tradutor escolher e hierarquizar quais os aspectos mais importantes a serem reproduzidos no texto-alvo. Portanto, quando seus versos são compostos de rimas, o processo de tradução de charadas se assemelha à tradução de poesia quando afirmamos que ambas buscam manter a estrutura textual e equivalência semântica no texto-alvo e fonte, tentando preservar a estilística e ferramentas retóricas, como paralelismo, repetição e ritmo; mas divergem quando percebemos que a semântica, o duplo sentido, o significado oculto por trás da mensagem é o mais importante na tradução de charadas, mesmo que isso implique na dissolução de rimas e da forma do texto – aspectos que não são aceitáveis em uma tradução de poesia bem-sucedida.

Sendo assim, diante de todos esses aspectos, observa-se que o tradutor de LIJ exerce um trabalho complexo que exige decisões tradutórias específicas, as quais serão discutidas no tópico seguinte.

² No original: “*The translation of riddle texts poses unique challenges and opportunities for translators, requiring them to navigate the complexities of linguistic creativity, cultural nuances, and cognitive play inherent in enigmatic language puzzles. [...] Translators grapple with the challenge of preserving puns, rhymes, alliterations, and other creative linguistic devices that add layers of meaning and intrigue to riddle texts.*”

Análise

Inicialmente esta análise tinha como objetivo apenas discutir sobre a tradução de charadas. Entretanto, durante a coleta de dados foi impossível ignorar a aparente invisibilização da tradutora. Sendo assim, a primeira parte deste tópico tratará da invisibilidade da tradutora de *Deltora Quest 1*, enquanto a segunda parte refletirá sobre a tradução de charadas nesta série literária.

A invisibilidade na tradução de *Deltora Quest*

Conforme discutido por Venuti (2008) e Queiroga e Fernandes (2015), não é incomum a invisibilização do tradutor de LIJ. Isso também é o caso da tradução da série *Deltora Quest 1*. A primeira edição dos livros, utilizada como amostragem desta pesquisa, foi produzida e comercializada entre 2005 e 2006. Nela, na página referente à ficha catalográfica, as edições utilizam o termo “versão brasileira” em vez de “tradução por” no topo da página e na descrição dentro da ficha. É possível observar o nome da tradutora Edite Siegert Sciulli presente em ambos os locais, mas com divergências: no topo, há outros nomes mencionados junto ao seu; enquanto isso, dentro da ficha, o único nome encontrado é o da tradutora.

Isso se repete em sete dos oito livros da primeira edição, o que nos leva a supor, ao visualizar o Quadro 1, que os nomes sejam referentes a outros profissionais responsáveis pela revisão e que, talvez, tenham auxiliado durante a tradução, ou ainda que sejam os responsáveis por adaptar as imagens para a edição brasileira. No entanto, se observarmos o oitavo e último livro, é interessante que o responsável pela versão brasileira conste como sendo a editora encarregada da publicação.

LIVRO	VERSÃO BRASILEIRA POR:
1.1 - As florestas do silêncio	Edite Siegert Sciulli, Ana Marques
1.2 - O lago das lágrimas	Edite Siegert Sciulli, Ana Marques
1.3 - A cidade dos ratos	Edite Siegert Sciulli, Ana Marques
1.4 - As dunas	Edite Siegert Sciulli, Fabíola Werlang, Eliana Oliveira
1.5 - A montanha do medo	Edite Siegert Sciulli, Albertina Piva, Eliana Oliveira
1.6 - O labirinto da besta	Edite Siegert Sciulli, Maria Suzete Casellato, Ana Marques

1.7 - O vale dos perdidos	Edite Siegert Sciulli, Albertina Piva, Ana Marques
1.8 - O retorno a Del	Editora Fundamento

QUADRO 1 – Créditos da equipe de tradução da primeira edição de *Deltora Quest 1* (elaboração própria, 2025)³

Ao consultar a ficha de cadastro de cada uma dessas obras no Acervo da Biblioteca Nacional (Sophia), essa questão permanece nebulosa. Nos seis primeiros livros, não há menção do nome da tradutora na primeira edição, sendo acrescentado apenas à seção de autoria nos registros da segunda edição, publicada de 2014 em diante. Curiosamente, os dois últimos livros não dispõem de uma segunda edição — logo, podemos apenas supor que foi a tradutora a responsável pela tradução do oitavo livro.

A tradução das charadas

Segundo Ilhomovna, Qahramon e Rashidjon (2024), traduzir charadas requer um conhecimento profundo sobre as línguas e culturas-fonte e alvo para que se possa adaptar o texto com eficácia. Seu foco é o jogo de palavras, a transmissão do significado oculto por detrás delas sem que se tenha a perda do simbolismo, metáforas ou qualquer sentido implícito na mensagem. Em *Deltora Quest 1*, as charadas são um artifício narrativo, presentes na história na forma de desafios a serem superados pelos protagonistas ou como dicas sobre os perigos que deverão enfrentar. Sua forma varia de acordo com a cena, ora dispondo de recursos gráficos (junção entre texto e imagem), ora de recursos poéticos (pequenos versos rimados, ilustrados ou não).

Como explicam Queiroga e Fernandes (2015), a tradução de LIJ demonstra maior tendência domesticadora, o que se reflete tanto no texto quanto nas imagens que compõem as charadas. Nessas brincadeiras linguísticas, buscou-se manter o sentido acima da forma do texto, adaptando-o para que fizesse mais sentido aos leitores-alvo: o público infantojuvenil. Dessa forma, o processo nem sempre foi capaz de reproduzir todas as características do texto-fonte, conforme veremos a seguir.

Para melhor organização, a análise das charadas foi dividida em dois subtópicos: 1) charadas gráficas e 2) charadas poéticas. A primeira parte contém as charadas em forma da junção de imagem e textos não rimados, enquanto na segunda parte consta a análise de charadas em forma de versos, independentemente do auxílio de elementos não-verbais.

³ Todos os quadros presentes neste artigo foram adaptados pela autora com base em dados e trechos dos livros em suas versões em inglês e em português brasileiro.

Charadas gráficas

A presença de elementos não verbais pode servir tanto como um auxílio no trabalho de recomposição do texto, quanto um desafio a mais para o tradutor, ao restringir suas possibilidades (Pereira, 2008, *apud* Azenha Junior, 2015, p. 222-223). Na tradução de *Deltora Quest 1*, temos exemplos de ambas as situações.

Em uma cena do segundo livro, os protagonistas se deparam com uma placa misteriosa com os seguintes textos:

INGLÊS	PORTUGUÊS BRASILEIRO
/RING	/FOSSO
/AND	/DIÇA.
/ENTER	/ENTRE!

QUADRO 2 – Textos pela metade em placa misteriosa em *O lago das lágrimas* (Rodda, 2005), versões em língua-fonte e alvo, respectivamente (elaboração própria, 2025).

A narrativa em inglês descreve que essa placa quebrada se encontra pendurada ao lado de uma sineta de metal, em uma espécie de convite para que o grupo toque o sino e entre. Porém, as palavras nessa parte da placa compõem apenas metade da mensagem, servindo como uma armadilha ao convidar os viajantes para o perigo em vez de alertá-los. Após descobrirmos a mensagem por inteiro, conforme mostra o Quadro 3, verificamos que não foi possível reproduzir a armadilha verbal da narrativa-fonte por completo, nem criar uma metade de texto que fizesse sentido.

INGLÊS	PORTUGUÊS BRASILEIRO
WARNING /RING OF QUICK S/AND DO NOT /ENTER	CUIDADO! /FOSSO DE AREIA MOVE/DIÇA. NÃO /ENTRE!

QUADRO 3 – Versões completas da placa anterior em *O lago das lágrimas* (Rodda, 2005), textos-fonte e alvo, respectivamente (elaboração própria, 2025).

Para compensar essa perda de sentido no texto de chegada, a tradutora acrescentou uma descrição à placa, dizendo ser “um tanto incompreensível”. Assim, a sensação de estranheza foi amenizada, mas ainda manteve o sentido buscado pela charada, que era o convite para que os personagens caíssem na armadilha.

A perda semântica demonstrada pelo Quadro 4, todavia, compromete a coerência da sentença posterior à mensagem em português.

INGLÊS	PORTUGUÊS BRASILEIRO
LIVE NO EVIL	LAM O AVIV

QUADRO 4 – Textos no carpete de uma casa em *O lago das lágrimas* (Rodda, 2005), versões-fonte e alvo, respectivamente (elaboração própria, 2025).

A sentença em inglês “LIVE NO EVIL” leva o leitor a entender que nenhum mal é permitido na casa em que está o carpete. Acreditando na benevolência dos residentes ao se depararem com a mensagem, o personagem Barda comenta “*Yes, they are very good. It is for people such as these that we wish to save Deltora*” (Rodda, *Lake of tears*, 2004, p. 25). A fala do personagem se relaciona ao texto do carpete, complementando seu sentido em inglês. Em contrapartida, a fala em português “Eles são muito bons. É para pessoas como essas que queremos salvar Deltora” é uma boa tradução se analisarmos a frase isoladamente, mas que perde o valor semântico se considerarmos a cena como um todo e observarmos a escrita no carpete “LAM O AVIV”.

Essa perda semântica acontece devido ao contexto geral do capítulo. Nessa situação, os personagens estão no covil de um casal de criaturas que se disfarçam de humanos e falam de trás para a frente. Ao manter a brincadeira de inverter todas as falas das criaturas assim como no texto-fonte, perde-se o palíndromo quase perfeito da frase do carpete em inglês, que se lê espelhado “LIVE ON EVIL”, mostrando um sentido oposto à percepção de Barda ao afirmar a natureza maligna das criaturas. Na impossibilidade de recriar um quase palíndromo que fizesse sentido em português, a tradutora teve de abrir mão do jogo de palavras e apenas conservar a escrita ao contrário, de forma a manter a coerência com o capítulo como um todo.

Já a liberdade na tradução de outra charada em *O lago das lágrimas* (Rodda, 2005) permitiu uma excelente adaptação do desafio de uma língua para outra. Na cena de ambas as versões (tanto em inglês quanto em português), há uma imagem que consiste em onze traços paralelos, que representam gravetos dispostos em uma fileira. Não há diferenças significativas entre as duas versões da imagem, pois em ambos os textos é exigido a Lief que transforme esses onze gravetos em outro número sem que se exclua nenhum deles: no texto-fonte, ele deve transformar em nove; já no texto-alvo, Lief deve transformar em oito. Isso foi possível porque a quantidade de gravetos permite que sejam escritos como NINE, em inglês, e OITO, em português, conforme ilustra a Figura 2:



FIGURA 2 – Resolução do desafio de gravetos em *O lago das lágrimas* (Rodda, 2005), em inglês e português, respectivamente (elaboração própria, 2025)

Ao transformar onze gravetos em numerais cardinais tanto no inglês quanto no português, a tradutora optou por uma transcrição ao mudar o número, ou seja, adaptou completamente o texto no idioma-alvo para que fizesse sentido e soasse natural ao texto de chegada.

Com esses exemplos, podemos ver que a junção de texto e imagem pode tanto auxiliar quanto criar barreiras a mais para o tradutor. Às vezes é possível compensar a perda semântica ao adicionar uma explicação no corpo do texto, conforme o exemplo da charada da placa, ou adaptar através de uma transcrição, como no exemplo dos gravetos. Porém, o exemplo do tapete prova que nem sempre é possível manter todas as nuances de uma charada ao traduzi-la; nesses casos, o tradutor deve escolher, dependendo do contexto, qual o aspecto mais importante a ser reproduzido no texto-alvo.

Charadas poéticas

Segundo Britto (2006) o trabalho de um tradutor de poesia se resume em três etapas: 1) identificar as características poéticas mais significativas; 2) hierarquizar essas características de acordo com sua importância no texto; e 3) quando possível, recriar as características tidas como mais importantes de forma correspondente. É preciso conservar tanto as características formais quanto as funcionais do texto poético.

No caso das charadas, elas diferem da poesia, ainda que sejam elaboradas em versos e rimas, pois sua prioridade sempre será o significado contido nas palavras, mesmo que isso signifique sacrificar a forma e as rimas presentes no texto-fonte. Os exemplos a seguir mostram o que Sciulli decidiu priorizar enquanto traduzia os versos de cada charada para o texto-alvo.

Em *As florestas do silêncio* (Rodda, 2005), há uma imagem que representa um desenho infantil de um castelo e uma colina com uma pedra, além de constar um pequeno poema composto de rimas. Essa figura representa um desenho feito pelo rei Endon durante a infância, que, em capítulos posteriores, ajudará seu amigo Jarred a chegar até o castelo e ir em seu auxílio. Ao transcrever os textos, temos o Quadro 5:

INGLÊS	PORTUGUÊS BRASILEIRO
Wake the bear Do not fear	Desperte o urso e siga sem medo <u>seu curso</u> .
Scurry mouse, Into your house Lift the lid <u>Be glad you did</u>	Corra, ratinho, entre em sua toca <u>rapidinho</u> . Erga a tampa e veja <u>que sorte</u> <u>por ter escapado da morte</u> .

QUADRO 5 – Transcrição dos versos no desenho infantil em *As florestas do silêncio* (Rodda, 2005, grifos meus, elaboração própria, 2025).

Esses versos, segundo é explicado dentro da história, são um pequeno poema que, nas palavras de Endon, constituem um segredo contado “com palavras que até uma criança lembraria”. Esse poema, transmitido de geração a geração pela família real, indica uma passagem secreta que liga o castelo ao exterior, com uma rima para entrar e outra para sair do palácio. Sendo assim, o mais importante, além da semântica do poema, era transmitir o texto através de rimas.

No primeiro exemplo, para manter as rimas, a tradutora fez acréscimos na maior parte dos versos. Conforme as discussões de Gessner (2016) sobre as possíveis definições do que é a transcrição, está claro que o último verso do poema foi transcrito, ou seja, a tradutora o modificou por completo para que o verso fizesse sentido no texto-alvo. Essas escolhas modificaram a mancha gráfica do poema, ou seja, sua forma, mas mantiveram a mensagem oculta. A transcrição do último verso trouxe um efeito mais dramático para a charada, porém, se considerarmos o contexto em que Jarred teve que usar o significado dela, a alteração se provou adequada.

Acréscimos também ocorrem nos versos do Quadro 6. Da mesma forma que a charada anterior, os acréscimos foram usados para manter as rimas, porém isso não teve um grande impacto na reprodução do texto, pois os versos-fonte já eram irregulares. No entanto, a tradutora criou uma maior regularidade ao inserir rimas ao final do sétimo e oitavo versos, que não existiam no texto de partida.

INGLÊS	PORTUGUÊS BRASILEIRO
Thaegan gulps her favorite food	Thaegan engole sua comida predileta
In her cave with all her brood:	Em sua caverna, com a filhara-da irrequieta:
Hot, Tot, Jin, Jod,	Hot, Tot, Jin, Jod,
Fie, Fly, Zan, Zod,	Fie, Fly, Zan, Zod,
Pik, Snik, Lun, Lod	Pik, Snik, Lun, Lod,

And the dreaded Ichabod.	E o temível Ichabod.
Each child holds a slimy toad.	Cada criança segura um sapo viscoso.
On each toad squirm two fat grubs	Em cada sapo, contorcem-se dois vermes, <u>cada qual mais apetitoso;</u>
On each grub ride two fleas brave.	Em cada verme, cavalgam duas pulgas cheias de coragem.
How many living in Thaegan's cave?	Quantos vivem na caverna de Thaegan <u>em meio à folhagem?</u>

Quadro 6: Charada em forma de poema do livro *O lago das lágrimas* (Rodda, 2005, elaboração própria, 2025).

Já o exemplo a seguir mostra como as decisões transcriativas, por vezes, necessitam de uma maior complexidade. No livro *As dunas*, há uma imagem que representa uma placa de aviso na entrada do deserto, onde o texto está parcialmente corroído devido à ação do tempo. Os versos do texto-fonte e a posição onde as palavras foram corroídas geram um efeito de duplo sentido ao se tentar adivinhar seu significado. Ao tentar reconstruir as letras faltantes do enunciado, Lief interpreta os dois últimos versos errado e isso quase custa a vida de todo o seu grupo. Apesar da perda formal ao não reproduzir as rimas, o Quadro 7 mostra que a tradutora Sciulli foi capaz de manter o jogo de duplo sentido das frases em português, sem grandes alterações se comparado com o texto-fonte.

INGLÊS	PORTUGUÊS BRASILEIRO
TH_S_I TI_G SA__S	AS D_NAS
DA_GER!	PER_GO!
DEA_H SW__MS WIT_IN ITS ROC_Y WALL_	A MO_TE V_VE NO IN__IOR DE SUAS PAREDE_ DE PEDR_
W_ERE ALL A_E ONE, O_E WILL_ULES_LL.	O_DE TODOS SÃ_UM, _U_A VONTADE_OMINA AS_EMAS
BE_OW TH_ DE_D, THE LIV_ NG STRIVE	E_A_O__OS MORTOS, OS VIV_S LUTAM,
WITH MINDLESS WILL TO S_V__IVE	COM UM DESEJO INSAN_ DE S__IR A__MA.
The Shifting Sands	As Dunas
Danger!	Perigo!
Death swarms within its rocky walls	A morte vive no interior de suas paredes de pedra,
Where all are one, one will rules all.	Onde todos são um, e uma von- tade domina as demais.
Be now the dead, the living strive	E aos mortos, os vivos lutam

With mindless will to survive .	Com um desejo insano de seguir acima .
The Shifting Sands	As Dunas
Danger!	Perigo!
Death swarms within its rocky walls,	A morte vive no interior de suas paredes de pedra,
Where all are one, one will rules all.	Onde todos são um, e uma vontade domina as demais.
Below the dead, the living strive	Debaixo dos mortos, os vivos lutam,
With mindless will to serve the Hive .	Com um desejo insano de servir a Colmeia .

QUADRO 7 – Transcrição do texto da placa em *As dunas* (Rodda, 2005) e suas interpretações pelo personagem Lief ao longo do livro (grifos meus, elaboração própria, 2025).

Em *Deltora Quest 1*, muitas das charadas são acompanhadas de figuras, mas essas imagens são meramente ilustrativas; elas não influenciam na tradução do texto-fonte para o texto-alvo – o que importa para o efeito dos enigmas está no conteúdo dos versos e em como são trabalhados em cada situação.

Assim como nas charadas gráficas, a forma como as charadas poéticas são traduzidas depende do contexto de cada cena. Enquanto umas necessitam da presença das rimas além da manutenção semântica, em outras o conteúdo sobrepuja a forma em questão de importância. São esses detalhes que diferem o tradutor de charadas do tradutor de poesia, pois o primeiro tem uma maior liberdade formal ao reproduzir os versos do texto-fonte no texto-alvo.

Considerações finais

O processo tradutório apresenta inúmeros desafios. Ao ter contato com os Estudos da Tradução, e/ou ao praticar a tradução, é comum que o estudioso ou o profissional passe a se questionar sobre a forma como uma obra é traduzida diante de um texto literário cujo texto-fonte é de origem estrangeira.

Quando se trata de Literatura Infantojuvenil (LIJ), sua tradução apresenta desafios específicos que vão além das diferenças linguísticas e culturais. É necessário considerar o nível de conhecimento gramatical do público-alvo e o fato de que nesse gênero literário é comum que se englobem recursos poéticos e verbais, tais quais o uso de imagens interligadas ao texto. Ainda assim, apesar de todo esse trabalho hercúleo para domesticar o texto infantojuvenil, espera-se que o tradutor seja o mais invisível possível.

Baseado nisso, revisitar uma série lida durante a adolescência me fez gerar as seguintes perguntas de pesquisa: o quanto a tradutora está invisível em *Deltora Quest 1* e quais foram suas escolhas tradutórias durante o processo de tradução das charadas presentes nesta série?

Ao estudar os oito livros que compõem a série *Deltora Quest 1*, observei na primeira parte da análise que a invisibilidade da tradutora Edite Siegert Sciulli foi evidenciada pelo uso dos termos “versão brasileira” em vez de “traduzido por” nas fichas catalográficas, bem como pela ausência de seu nome em parte dos registros do próprio Acervo da Biblioteca Nacional, reforçando o apagamento da profissional que, mesmo diante de todos os desafios da tradução da série infanto-juvenil, propôs uma tradução bem-sucedida.

A segunda parte da análise revelou escolhas tradutórias criativas e cuidadosas durante a tradução das charadas. As charadas gráficas, por exemplo, apresentaram desafios que nem sempre puderam ser solucionados integralmente, mas que foram compensados com descrições no corpo do texto ou com soluções transcriativas que mantiveram o efeito do enigma no leitor-alvo. Já as charadas poéticas mostraram a prioridade dada ao sentido e ao significado oculto em detrimento da forma e da rima, revelando a diferença fundamental entre a tradução de poesia e a de charadas.

Em síntese, esse estudo demonstrou que traduzir LIJ, especialmente obras que contêm charadas, exige não apenas competência linguística e cultural, mas também criatividade, sensibilidade ao público-alvo e estratégias diferentes, dependendo do contexto. A partir dos resultados apresentados, espera-se que esse trabalho contribua para reflexões futuras sobre a prática tradutória tanto nesse gênero literário, quanto sobre a tradução de recursos linguísticos como as charadas.

Referências

- Azenha Junior, J. Tradução & literatura infantil e juvenil. In: Amorim, L. M., Rodrigues, C. C., and Stupiello, Éna (Orgs.). **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 209-232.
- Britto, Paulo H. Correspondência formal e funcional em tradução poética. In: Souza, Marcelo Paiva de, et al. **Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução**. Vitória: PPGL/MEL/Flor&Cultura, 2006.

Charada. In: **Michaelis**: Dicionário Online de Português. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/charada/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Emily Rodda. In: **Sophia**: Acervo Biblioteca Nacional. Disponível em: https://acervo.bn.gov.br/Sophia_web/Resultado/Listar?guid=1751489384432. Acesso em: 02 jul. 2023.

Gessner, Ricardo. Transcrição, transconceituação e poesia. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, nº 2, 2016. p. 142-162.

Ilhomovna, Khayrieva Madina; Qahramon, Ochilova Shahnoza; Rashidjon, Nurillayeva Madina. The translation methods of riddle texts in translation studies. **Golden Brain Multidisciplinary Scientific Journal**, v. 2, issue 10, 2024. p. 169-173.

Jennifer Rowe. **Wikipedia**, última edição em setembro de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jennifer_Rowe. Acesso em: 23 jun. 2025.

Lefevere, André. Prewrite. In: **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London and New York: Routledge, 1992. p. 1-20.

Queiroga, M. G.; Fernandes, L. P. Tradução de literatura infanto-juvenil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, nº 1, 2016. p. 62-78.

Rodda, Emily. **Deltora Quest: A cidade dos ratos**. Versão brasileira: Edite Siegert Sciulli. São Paulo - SP: Editora Fundamento Educacional, 2005. 107 p.

_____. **Deltora Quest: A montanha do medo**. Versão brasileira: Edite Siegert Sciulli. São Paulo - SP: Editora Fundamento Educacional, 2005. 107 p.

_____. **Deltora Quest: As dunas**. Versão brasileira: Edite Siegert Sciulli. São Paulo - SP: Editora Fundamento Educacional, 2005. 107 p.

_____. **Deltora Quest: As florestas do silêncio**. Versão brasileira: Edite Siegert Sciulli. São Paulo - SP: Editora Fundamento Educacional, 2005. 104 p.

_____. **Deltora Quest: O labirinto da besta**. Versão brasileira: Edite Siegert Sciulli. São Paulo - SP: Editora Fundamento Educacional, 2005. 104 p.

_____. **Deltora Quest: O lago das lágrimas**. Versão brasileira: Edite Siegert Sciulli. São Paulo - SP: Editora Fundamento Educacional, 2005. 103 p.

_____. **Deltora Quest: O retorno a Del.** Versão brasileira: Editora Fundamento. São Paulo - SP: Editora Fundamento Educacional, 2006. 112 p.

_____. **Deltora Quest: O vale dos perdidos.** Versão brasileira: Edite Siegert Sciulli. São Paulo - SP: Editora Fundamento Educacional, 2005. 104 p.

Venuti, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A history of translation.** 2nd ed. London and New York: Routledge, 1995 (impresão em 2008).

Vermeer, Hans J. Skopos and Commission in Translational Action. In: Venuti, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader.** London: Routledge, 2000. p. 221-232.

THE ADAPTATION OF RIDDLES IN THE BRAZILIAN TRANSLATION OF THE CHILDREN'S SERIES *DELTORA QUEST*

Abstract

This article examines the adaptation of riddles in the Brazilian translation of the children's and young adult series *Deltora Quest 1* (2000–2002), by Emily Rodda, within the framework of Translation Studies, with particular emphasis on Polysystem Theory (Even-Zohar, 2005), the notion of translator invisibility (Venuti, 1995, 2008), and the concept of transcreation. The corpus comprises the eight volumes of the first series translated into Brazilian Portuguese, in which riddles play a central role in narrative progression. The analysis highlights the challenges posed by the interplay of verbal, poetic, and nonverbal elements, requiring translators to make creative decisions that prioritize the preservation of the riddling effect over formal equivalence with the source text. It is concluded that the translation of children's and young adult literature demands a high level of linguistic and cultural competence, as well as translation strategies that are sensitive to the target audience.

Keywords

Children's literature. Literary translation. Riddles. Translator's invisibility.